

DIALÉTICA E HERMENÊUTICA: UMA QUESTÃO DE MÉTODO

Alberto Lins Caldas
Departamento de História UFRO

RESUMO:

A partir da crítica sobre a insuficiência da Ciência enquanto conhecimento para compreender o homem, estabelece uma metodologia polimórfica na tentativa de instaurar “procedimentos” que possam interpretar em vez de objetificar as múltiplas realidades humanas. Reflete sobre a atuação do exegeta e os passos necessários para instaurar uma Hermenêutica que venha a substituir não somente os “métodos positivistas” nas Ciências Humanas mas, principalmente, se impor como um campo unificado. Para isso desenvolve as idéias de realidade, sujeito e objeto, impondo-se enquanto reflexão política e não em pura objetividade. Assim, tenta resgatar a Dialética do meio das concepções científicas que a deformaram.

PALAVRAS-CHAVE:

Hermenêutica, método, reflexão política, Dialética.

ABSTRACT:

Based on the critique of the insufficiency of science as knowledge to understand man, this work establisher a polymorphic methodology attempting to introduce procedures that can interpret, not only objectify, the multiple realities of human being. It reflects on the performance of the exegete and the necessary steps to establish a Hermeneutics that can not only substitute the positivist methods in Human Sciences, but mainly intrude itself as a unified field. For that reason it develops ideas of reality, subject and object imposing itself as political reflection and not as pure objectivity. Thus it tries to recover the Dialectics from the scientific conceptions that has deformed it.

KEY-WORDS:

Hermeneutics, method, political reflection, Dialectics.

Para a Ciência, método é conjunto de procedimentos lógicos e técnicas operacionais que permitirão descobrir relações causais constantes entre os fenômenos. Da sua atividade está, logicamente, excluída a criação, a contradição, a negação, a singularidade, o irrepetível, o irreal. Seu universo é o visível, jamais a interioridade do mundo (que é o mesmo que a interioridade humana e sua historicidade criativa). Criar, em Ciência, é obedecer aos princípios lógicos de determinada concepção de método, instaurada por uma visibilidade castradora. A criação científica reduz-se, na verdade, a um tipo de “criação tecnológica” ou “criação para o mercado”

Método em Hermenêutica, ao contrário da Ciência, são meios para decompor, sintetizar, compreender, criar, destruir e recriar criticamente “determinado presente” Ao mesmo tempo em que é conjunto móvel e crítico de procedimentos,

é a própria historicidade reduzindo-se e realizando-se ao nível do processo de investigação criativa. Busca tanto o como, quanto o porquê das coisas. É através do método que a Hermenêutica, entendida como filosofia do humano, superação das “Ciências Humanas” pode tentar apreender o presente, matéria básica da Hermenêutica.

É idéia geral, proporcionando orientação para a criação do conhecimento e consciência do presente. Sua “objetividade” depende do sistema sujeito-objeto em ação na pesquisa, da posição de classe e da consciência histórica do pesquisador, isto é, o método em Hermenêutica ao assumir ser uma perspectiva subjetiva compatível com a subjetividade geral do “humano” abandona a tola pretensão científica à objetividade (objetividade que só tem sentido e “objetividade” ao compreender seus limites, sua virtualidade, sua existência dependente dos

horizontes culturais e da referência central à historicidade), instaurando seu próprio modo de enfrentar, criar e recriar as realidades do seu interesse enquanto expressão de interesses coletivos.

O método não é dogmático, funcional ou aplicável universalmente como sistema mecânico e "científico" mas perspectiva filosófica de apreensão, compreensão, reconstrução, imaginação, criação e destruição de realidades. Uma das suas dimensões é precisamente entender-se e entender as Ciências Humanas como perspectivas do mundo ocidental, maneiras de ver, viver e julgar o mundo: o método hermenêutico ao assumir sua historicidade põe-se e põe as Ciências Humanas como teoria, mentalidade mítica própria das ocidentalidades cristãs.

É "acionado" por dúvidas, questionamentos, instigamentos, incompletudes, indignações, paixões, embate de consciências, diálogos e, principalmente, por necessidades vivas do presente: é o próprio presente buscando se entender e superar. Não é o método um sistema "lógico" estrutura previamente organizada para "pesquisar um objeto de estudo"

Método em Hermenêutica é inflexão livre e consciente do pesquisador sobre si mesmo, sobre seu presente e todas as suas espessuras, nódulos, brechas, mistérios, perversidades. Não é camisa de força (como se "o presente" só pudesse ser "apreendido" através de normas e ordens específicas e só existisse um-presente), mas a maneira possível do presente deixar-se seduzir e a vontade do pesquisador em criar até o fim sobre e dentro desse determinado presente: como a temporalidade é um "projeto" político, é preciso estabelecer, para uma nova reflexão hermenêutica, uma estrutura conceitual sobre o tempo compatível com as necessidades dessa dialeticidade viva, onde os tradicionais presente-passado (o tempo do capital expandindo-se como tempo da *Physis*) se interpenetrem dialeticamente numa nova visão temporal.

Mas para entender esse presente, toda pesquisa atinge contradições. Deve-se assumir então as contradições como componentes da existência humana, do pensamento, da pesquisa, das teorias, dos conceitos, das idéias, e, principalmente, do pensamento histórico. Os elementos contraditórios (assim como o

"absoluto" o "eterno" o "constante" o "verdadeiro" o "imutável" o "imortal" o "exemplar") devem ser compreendidos e enfrentados, não anulados ou afastados como aberrações.

Após ter distinguido os aspectos ou os elementos contraditórios, restabelecer as mediações, as faltas de mediações, os becos sem saída, os elementos sem contradição e todo o amalgama que torna o presente compreensível, não o contraditório como irresponsível ou algo a ser sanado, mas uma das condições básicas para a compreensão dos nossos tipos de sociedade e maneiras de ser ocidentais.

As contradições não devem ser expurgadas, "superadas" ou pensadas separadamente. Uma pretensa pureza esconde as fissuras, as incomunicabilidades, as imperfeições necessárias ao possível entendimento, se bem que as "purezas" não podem ser descartadas como aberrações. O aprofundamento, em qualquer sentido do ser-histórico-ocidental, deve encontrar tanto grandes contradições, que pedem somente a não-conciliação para se mostrarem vivas, quanto componentes desse presente que devoram as contradições ou mesmo não as possuem. Não há nem pode haver a-realidade e suas-contradições, mas contradição criada enquanto presente, enquanto contradição histórica viva: o papel da reflexão não é solucionar as contradições, mas explicá-las enquanto momento político de superação dos fundamentos sociais desumanizantes.

Somente determinada lógica científica pressupõe um ser camufladamente metafísico, cheio e pleno de si mesmo, sem contradições e loucuras, ou mesmo um ser universal somente e repleto de pura contradição, porque as metafísicas científicas abrangem um largo aspecto e maneiras de ser compatíveis com todos os nossos presentes e seus fundamentos de classe. A "historicidade científica" parece um descascar-cebolas, processo de descobrir, arrancar conhecidos e descobrir "realidades insuspeitas" revelando sempre o já existente, somente o não-visto-mas-agora-revelado, "metafísica de superfície" apresentando-se "em-evolução" de conhecimento, mas jamais criando-se e criando.

Cada Galáxia Mítica (a grande estrutura comunitária, seus imaginários e os limites de identidade e diferença que podem vir a

caracterizá-la) cria suas “realidades específicas e universais” cria sua Natureza, seu tempo, seu Homem, seu Deus, seu Demônio, seus aliados e seus inimigos; significados e significantes, símbolos, desejos, formas, interioridade e exterioridade: apenas dentro da sua práxis histórica e socialmente específica é que tudo isso e todo o resto consegue ter coerência viva; ou um conhecimento que consiga compreendê-la a partir de suas próprias coordenadas, suspendendo criticamente suas próprias premissas teóricas e culturais.

O ser que conhecemos e vivenciamos, que nunca é um ser universal mas histórica e socialmente determinado, é contradição coagulada criando um tipo de homem que é contradição viva, só podendo compreender e compreender-se doando ao impessoal suas trágicas contradições irreparáveis. Para nossa atual Mitologia sem contradições não há razão ou saber, não há o próprio homem ou aquilo que ele entende por realidade. Ao mesmo tempo, sem “imutáveis” sem “eternidades” sem “solo-firme” ficamos apavorados, sem oxigênio, abandonados à morte num deserto de sofrimentos: A Dialética, por sua “origem burguesa” ainda não completamente superada, impõe a si mesma limites para que não sucumba ir ao terror sempre ao lado, o vácuo sempre por baixo, a espada sempre por cima: A historicidade absoluta (levada as últimas conseqüências) seria, para nossa vitoriosa metafísica científica, tão terrível quanto a imutabilidade eterna do ser. Tudo só tem significado vivo dentro do campo que gerou o próprio significado, ou para uma Hermenêutica que possa mudar de rumo, base e significado quando necessário.

Por isso é imprescindível superar a “objetividade” o olhar fotográfico, como se o concreto se resumisse ao visível (como se o visível não fosse “socialização” e historicidade viva assim como a própria concreticidade), ao descritivo, somente ao objeto e não a uma síntese histórica entre sujeito e objeto, entre subjetividade e objetividade, não esquecendo a prioridade ontológica do “social” (a prioridade ontológica não é a “natureza” a “matéria” o “espírito” a “história” mas determinada “comunidade” como práxis viva, comunidade instauradora de mundo, criadora do real e da realidade, que não é coisa-em-si, mas comunidade exteriorizada).

A reflexão (onde o pesquisador conhece seu campo, seus limites e deslimites, suas relações, suas dificuldades, as intermináveis notas, idas e vindas, brigas consigo mesmo e com o mundo, com todas as teorias e com todas as impossibilidades, abrindo uma nova matéria imaginária em si mesmo e as redações e suas loucuras de prazer e dor) deve tentar vivenciar dialogicamente os pormenores da sua matéria, criando as relações internas dos elementos e dos elementos entre si. O individual, o mental, o inconsciente, o singular, não podem ser excluídos, mas ao mesmo tempo não podem dominar como se fossem realidades autônomas ou existindo autonomamente como se fossem “instâncias do real” o que seria universalizar determinada leitura ocidental moderna tomando-a como modelo: naturalização de paradigmas e paradigmas da naturalização.

Após a reflexão (e também ao mesmo tempo) vem a exposição, que é sintética (podendo ser da mesma maneira analítica se não deformar o modo desse presente, dessa comunidade, desse modo de ser se manifestar), modo de narrar, não esquecendo que a própria reflexão é também processo sintetizante. A reflexão deve se apaixonar pelo “todo” e pelas “partes” envolvendo amorosamente, enquanto síntese e estilo, todo o mundo em questão, e a exposição deve tentar reconstituir o movimento vivo de homens vivos ou pelo menos convincentemente suas sombras porque é preferível sombras, que são de coisas vivas, a se fazer um estudo de sombras como se fossem de homens e não saber.

Cada mediação e configuração têm as suas contradições, deformações e historicidades peculiares. Portanto o método deve subordinar-se e ser o próprio conteúdo, a matéria em estudo e a vontade e criatividade do pesquisador, jamais substituindo ou antecipando os passos livres e vivos do pesquisador por prévia e condicionante construção abstrata. O pesquisador não aplica o método, ele o cria na dialogicidade viva entre a “reflexão” e a “realidade”

Depois que a reflexão cria os elementos mais simples, os conceitos, não podemos ficar satisfeitos e parar. A analiticidade de certas reflexões, componente inestirpável do próprio pensar, comporta tipos de “reconstrução sintética” que, falsamente, criam a ilusão de haver-se chegado ao final. A analítica e a própria reflexão

são apenas momentos do processo hermenêutico, exigindo sempre um ir e vir constante reencontrando a todo momento o real e o imaginário, o coletivo e o singular, os elementos, as mediações, os sistemas e o próprio pesquisador e suas faces individualizadas pelo seu presente que exige tudo isso. A meta não é uma totalidade falsa, respeitando apenas teoria e método, mas uma integralidade viva, autônoma e interessante, pois todo resultado é, antes de tudo, um sonho hermenêutico do método, um momento específico de determinado real.

Desta maneira, o método não é neutro, mas crítico, político, totalizador, histórico, vivo, negativo, devendo ser constantemente renovado e desenvolvido, sem nunca se tornar saber instituído, sem jamais se tornar estrutura estável, sem nunca ser, na verdade, tudo aquilo que se entende como método, porque, antes de tudo, método em Hermenêutica exige uma radicalização da historicidade sobre si mesmo, um se voltar sobre si que passará a ser condição dessa mesma Hermenêutica.

Para o método a questão “fato” e “valor” resolve-se na reflexão viva do pesquisador, no sentido crítico do fundamento filosófico do próprio método, compreendendo o “fato” como uma construção de valores, de subjetividades e mundo, jamais sendo confundido com o vivido como faz as mais variadas “Ciências positivistas” se é que a palavra fato deve subsistir às mudanças que exigem sua condição de existente virtual.

No entanto para se estudar “determinada realidade” é preciso também uma auto-avaliação do pesquisador com relação a sua posição de classe, sua função social, suas metas teóricas e a que destino devem ter. Posicionar-se quanto à ideologia e sua “interferência” na pesquisa. Compreender a geração de objetos na sua sociedade (alienação) e como libertar-se da cadeia ideológica que pode aproximá-lo ou afastá-lo da compreensão. É preciso uma consciência histórica que capacite o pesquisador a compreender a geração de homens e coisas no-seu “modo de produção” como pressuposto para a existência eficaz de uma Hermenêutica do Presente.

Na verdade, essa “perspectiva” possibilita uma posição crítica a si mesmo e aos fundamentos porque não há antagonismo entre Ciência e ideologia, entre a pesquisa e a criação das realidades “autônomas” da pesquisa. A

Ciência faz parte da compreensão ideológica do mundo, fazendo parte de um capítulo da lógica do capital. Ao mesmo tempo não se pode pasteurizar o conceito de ideologia aceitando tudo como ideologia. Sendo qualquer perspectiva teórica de classe, o conceito de ideologia torna-se inoperante e despolitizado, tornando-se puro conceito. Sem antítese, a ideologia torna-se campo intransponível, condição ideal para o desenvolvimento da própria ideologia.

Por isso não devemos tomar “abstratamente” os elementos abstratos obtidos pela reflexão. Esses elementos possuem sentido, existência e significado. O pesquisador deve descobrir as condições concretas destas determinações simples, em vez de isolá-las e considerá-las separadamente, atentando para um fluxo de vida.

O método não é analítico ou sintético, indutivo ou dedutivo, mas superação desses componentes numa perspectiva crítica, onde um se converte no outro, na própria realidade, no pesquisador, no seu contrário, num limite e num deslimite, criação/invenção, o método como eterna superação de si mesmo, sonho desta realidade, que jamais apresenta-se analiticamente ou sinteticamente, mas como integralidade humana viva.

O método compreende as realidades histórico-sociais como manifestação integral, isto é, não existindo em níveis, requerendo portanto, ao ser estudada, uma reflexão-investigação que procure a “realidade inteira e plena” mesmo que possa aparentemente aparecer fragmentada.

Nas sociedades ocidentais onde a divisão do trabalho dispersou e pulverizou o conhecimento (também a ação e a politicidade), há uma impossibilidade de visualização tanto do conjunto quanto do centro. Essa astúcia social “corporifica-se” modernamente na cientifização do conhecimento. A “relação interdisciplinar” faz cada Ciência manter seus estreitos limites, começando uma quando a outra termina. Cada Ciência, excluindo instâncias de si mesma apaga partes do mundo para poder existir. Dessa maneira, cada Ciência nada tem a ver com qualquer outra. Mas a questão não é criar a “Ciência sintética” porque a “soma” das Ciências nada resolveria, mas dissolver a Ciência enquanto Filosofia, interpretação e conhecimento do humano, deixando seu estatuto restrito ao milenar

pensamento e atividade “artesanal”

A realidade social não é “conjunto articulado de níveis” Essa separação faz parte de determinada visão “teórica” não da estrutura viva da sociedade. É a capitulação diante da aparência espatifada, o visível como reflexo ideológico. É ponto de partida das concepções que fragmentam o mundo e o conhecimento em “instâncias” em “objetos de estudo” em “níveis” podendo manter entre si somente discursos superficiais.

O econômico, o social, o histórico, o arqueológico, o psicológico, o antropológico, o político, o linguístico, o filosófico, o geográfico, o natural, roubam à totalidade histórica o sentido e a razão para poderem existir. Cria-se para cada “fragmento” instrumentos peculiares e uma Razão própria advinda da visibilidade enquanto falsa totalidade. As sociedades capitalistas perderam a sua unidade aparente e como seu eixo de segurança é a visibilidade, a possibilidade de compreensão integral vai dia a dia se tornando uma “proposta indecente” impossibilitando aos poucos a instauração de uma razão histórica radical que retome os fios do sentido e das razões próprias de uma Galáxia Mitológica (ocidentalidade) que perdeu sua identidade-limite por ter tornado a universalidade seu modo de pensar, de ser e de projetar o universo à sua imagem: não é o concreto que está fragmentado mas sim a visão ideológica sobre o real enquanto um dos fundamentos teóricos e imaginários da dinâmica viva da produção-reprodução social.

A questão não se resolve interdisciplinarmente (mantendo níveis e separações nos conhecimentos e nas realidades, respeitando a lógica do capital e sua expressão enquanto “a realidade”), mas com uma Hermenêutica que reúna as “Ciências Sociais e Humanas” que não as some ou as devore, mas que exerça seu domínio sobre as “realidades fragmentárias” dessas Ciências, reunindo-as enquanto prática e consciência filosófica, enquanto procedimentos úteis ao conhecer histórico. A Hermenêutica do Presente pode fazer seu todos os campos, criando um único campo.

As Ciências Humanas “transformaram-se” naquilo que deviam combater. Estão derrotadas por tornarem-se miméticas em vez de subversivas: tornaram-se discursos-sobre. Uma das maneiras de reverter esse quadro é retomar o conceito de totalidade. A totalidade, em primeiro lugar, como

a dominação e a determinação do “todo” sobre as “partes” (não confundir este princípio de pesquisa com a realidade humana e social onde a parte ou tem prioridade sobre o todo ou teremos somente totalitarismo ou democracia como direito à exploração e consumo, direito de trabalhar e devorar). A totalidade é concreta e estruturada, mas não sendo imóvel, não sendo “estrutura arquitetônica” mas dialética, as partes não são reflexos mortos, mas condições vivas da totalidade, partes da sua existência e sentido: não é preciso estudar a “totalidade total” mas as relações vivas que, se perdidas, comprometem toda a interpretação.

Buscar a totalidade é considerar e pesquisar o concreto, o presente no emaranhado de seus movimentos e contradições, na vida íntima das suas mediações, sua razão, seu aparecer, sem esquecer que desse concreto faz parte o próprio pesquisador, seu mundo, seu tempo e todos os tempos. Faz parte também “todas as ilusões do mundo” porque o concreto é, antes de tudo, compreensão criativa do real-abstrato, o real enquanto estrutura de concretos.

Um dos conceitos que tentam substituir a dialética ou o conceito de totalidade é o de estrutura. No entanto é inaceitável o conceito de estrutura como algo a ser preenchido, preexistindo à realidade. O conceito de estrutura (conceito que leva em conta e busca o conjunto, as partes desse conjunto, as relações das partes entre si e com o conjunto) é historicizado, obedecendo à constituição metodológica do pensar dialético, aceitando a contradição como componente imprescindível e que torna, sem ser superado, toda a estrutura cognoscível.

Nem toda modificação nas partes modifica outras partes ou o todo, e nem toda modificação no todo modifica mecanicamente as partes (precisamente porque a estrutura é dialética e virtual e não “estrutural” mecânica ou sistêmica). As resistências, as revoltas, as negativas, as revoluções são partes constitutivas do conceito de estrutura levado em consideração. Estrutura é conceito aberto e histórico, contraditório (que exige contradições para se tornar inteligível), e não funcional. Não há “elementos não-pertinentes” que devam ser eliminados. Essa eliminação seletiva, normalmente, descarta a dialeticidade, as contradições, as incongruências, as inconsciências, as irracionalidades, aquilo que

não constava previamente estabelecido no “projeto” no “método” na “teoria”

Cada realidade tem múltiplos significados, pois a historicidade comunga com a obra de arte a abertura infinita das interpretações e dos sentidos. Entretanto os “dados” trazem uma realidade que não se dissolve somente em puras interpretações. A relação sujeito-objeto não é relação simples. Os “dados” possuem astúcias que requerem um grau de criticidade para se transformarem em rede conceitual. Há uma realidade nos “dados” que se impõem a qualquer interpretação. Se dissolvermos tudo em pontos de vista cairemos no erro inverso da prioridade absoluta e visível dos “dados” excluindo subjetividades, do positivismo. Os “dados” não são objetos, como algo “existente naturalmente”: os “dados” são “sujeitos” Por outro lado, o pesquisador, tradicionalmente sujeito, deve avaliar sua condição de “objeto” e a própria objetificação em sua sociedade.

Os “dados” como aquilo que exprime o humano, não falam completamente por si mesmos. Além de serem “testemunhos” são “escolhidos” pelo pesquisador por interesses do presente. A mutabilidade interpretativa da Hermenêutica se dá pela modificação do presente que interpreta (o passado como dimensão do presente), pela essência humana de todo tipo de “dados” pelas perspectivas de classe, sempre expressão viva de uma perspectiva de valores.

Para essa visão nada do que é humano deve ser alheio ao pesquisador. Todas as realidades, todos os materiais, todas as linguagens, todos os símbolos pertencem ao pesquisador. Uma das suas metas é restabelecer homens concretos em relações sociais vivas e dinâmicas. A busca não é pelo estabelecimento de uma *outra Ciência*, mas pela *comunicabilidade da experiência*, pela *expressão da coletividade*, pela *repolitização das falas*, por *outra maneira de criar o conhecimento e compreender a realidade* através de novas maneiras de reflexão que consigam alcançar estas metas.

Principalmente porque são os “homens concretos” que sustentam e dão sentido aos “homens abstratos” mas sem os segundos os primeiros ficariam reduzidos ao que a estrutura produtiva simplesmente necessita e deseja.

A prática produtiva não é um ato “econômico” mas integral, para onde todas as dimensões sociais convergem, necessariamente deformam-se e ganham significado. É o fundamento real ao mesmo tempo em que é também as representações que o mistificam e estimulam. Neste campo nada se resolve com causa e efeito, reflexos ou mecanicidades. Nem mesmo as dialeticidades ingênuas conseguem escapar do seu campo deformador.

A Hermenêutica deve estabelecer as conexões entre a prática produtiva, a estrutura social, os diversos poderes de classe, as ideologias, as representações mentais. Exatamente por ser toda realidade social um amalgama de dicotomias é que o homem é um ser virtual e não um ser-em-si.

Cada “caso particular” só encontrará o mínimo de sentido e significado quando fizer parte da estrutura histórico-dialética da sociedade. Sem processo em estrutura social não temos Hermenêutica mas mistificação ou mercadoria. A aparente autonomia da “parte” esconde, num só ato, a realidade social e a si mesma. Cada “Ciência Humana” esconde a historicidade, as outras “partes” do humano que a comporiam, para poder existir, existindo apenas enquanto abstrato-castrado. Suas autonomias são anomalias, engodo e falsificação.

Somente o confronto, o diálogo entre o “sujeito” e o “objeto” (luta de mundos, concepções, tempos, realidades, eixos) é que realiza e supera a teoria, o método, os procedimentos. Nada substitui essa luta, onde interpretação e realidade se digladiam, se estimulam, se delimitam, se criam, florescem, explodem ou morrem. O “objeto” não é inocente: ele faz parte da rede seletiva que o fez existir e se perpetuar: todo “objeto” é político. Métodos, técnicas, procedimento são secundários, sendo prioritária a relação entre o pesquisador e a “realidade” Essa relação é que irá estabelecer e recriar métodos, técnicas e procedimentos. Nesse momento, método é subjetividade precavida, mas livre, sem normas e ordens que deformem em demasia. Dessa maneira, o método assume sua necessária vocação subversiva, reinstaurando o humano no seu devido lugar.

Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola (et al.). *La evolución de la dialéctica*. Ediciones Martínez Roca, Barcelona, 1977
- ADORNO, Theodor. *Dialéctica negativa*. Taurus, Madrid, 1975.
- _____; HORKEHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1985.
- BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal*. Papirus, São Paulo, 1990.
- BORNHEIM, Gerd. *A dialética*. Globo/EDUSP, São Paulo, 1977.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Difel/Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1989.
- DAL PRA, Mário. *La dialética en marx*. Martínez Roca, Barcelona, 1971.
- ENGELS, Friedrich. *Dialectica de la naturaleza*. Editorial Grijalbo, México, 1961.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1977
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Portugalia, Col. Problemas/23, Lisboa, 1968.
- _____. *Microfísica do poder*. Graal, 5ª ed., Rio de Janeiro, 1985.
- GIANNOTTI, José Arthur. *Origens da dialética do trabalho*. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1966.
- GOLDMANN, Lucien. *Origem da dialética*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967.
- _____. *Dialética e cultura*. Paz e Terra, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1979.
- GURVITCH, Georges. *Dialética e sociologia*. Vértice, São Paulo, 1987
- HORKHEIMER, Max. *Teoria crítica*. Perspectiva/Edusp, Col. Estudos/77. São Paulo, 1990.
- KOPNIN, P.V. *Lógica dialética*. Grijalbo, México, 1966.
- _____. *A dialética como lógica e teoria do conhecimento*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.
- LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal/lógica dialética*. Civilização Brasileira, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1983.
- LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Ática, São Paulo, 1991.
- LÖWY, Michael. *Método dialético e teoria política*. Paz e Terra, 3ª ed., São Paulo, 1985.
- _____. *As aventuras de karl marx contra o barão de munchhausen*. Busca Vida, São Paulo, 1987
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. Publicações Escorpão, Porto, 1974.
- _____. *El asalto a la razón*. Grijalbo, Barcelona, 1975.
- _____. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de marx*. Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979a.
- _____. *Ontologia do ser social: a falsa e a verdadeira ontologia de hegel*. Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979b.
- MARX, Karl. *O capital*. Civilização Brasileira, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1975.
- _____. *A ideologia alemã*. Presença, 3ª ed., 2 vol., Lisboa, 1976a.
- _____. *Miséria da filosofia*. Grijalbo, São Paulo, 1976b.
- _____. *Contribuição à crítica da economia política*. Martins Fontes, São Paulo, 1977
- MÉSZÁROS, Istvan. *Marx: A teoria da alienação*. Zahar, Rio de Janeiro, 1981.
- _____. *Filosofia, ideologia e ciência social*. Ensaio, São Paulo, 1993.
- _____. *O poder da ideologia*. Ensaio, São Paulo, 1996.
- PALMER, Richard. *Hermenêutica*. Edições 70, Lisboa, 1989.
- RYAN, Alan. *Filosofia das ciências sociais*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1977.
- SARTRE, Jean-Paul. *Crítica de la razón dialéctica*. Losada, 2 vol., 3ª ed., 1979.
- SCHAFF, Adam. *O marxismo e o indivíduo*. Civilização Brasileira, Col. Perspectivas do Homem/23, Rio de Janeiro, 1967.
- VÁZQUES, Adolfo Sánchez. *Filosofia da praxis*. Paz e Terra, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1977
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. Brasiliense, São Paulo, 1987